Missões
Revista de Ciências Humanas e Sociais

IMAGENS DE MULHER RIBEIRINHA AMAZÔNICA: A FORMAÇÃO DO IMAGINÁRIO EM TEXTOS ACADÊMICOS

IMÁGENES DE LA MUJER RÍO AMAZÓNICA: LA FORMACIÓN DEL IMAGINARIO EN LOS TEXTOS ACADÉMICOS

IMAGES OF AMAZONIAN RIVERSIDE WOMEN: THE FORMATION OF IMAGERY IN ACADEMIC TEXTS

Recebido em: 01/10/2024
Aceito em: 15/12/2024
Publicado em: 28/12/2024

Zaline Do Carmo Dos Santos Wanzeler[1]
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Jocirene Dos Santos Wanzeler[2]
Secretaria de Educação do Estado do Pará

Waldma Maíra Menezes De Oliveira[3]
Universidade Federal do Pará

Cyntia França Cavalcante De Andrade Da Silva[4]
Universidade do Estado do Pará

Délcia Pereira Pombo[5]
Secretaria de Estado de Educação do Pará

Resumo: O artigo discute sobre imagens de mulher ribeirinha amazônica formadas em textos acadêmicos e como estas podem ser pensadas enquanto virtualização de tempo e espaço. A hipótese é, ao apresentarem a imagem de mulher ribeirinha como objeto de investigação, os sujeitos acadêmicos constroem formações imaginárias sobre ribeirinhas e estas imagens formam-se a partir de outras imagens, virtualizando-se em dimensões temporais e espaciais. O texto é estruturado em: introdução, que apresenta objetivos, hipótese e referencial teórico; metodologia, descreve o desenvolvimento do estudo; resultados e discussão, analisa as imagens da mulher ribeirinha problematizadas com base no corpus da pesquisa; e considerações finais, que destacam reflexões sobre o papel social historicamente atribuído às mulheres ribeirinhas, enfatizando termos como cuidadora, quintal, família e memória. Essas considerações apontam para uma compreensão mais ampla das complexidades da identidade e papel social das mulheres ribeirinhas na região amazônica.

Palavras-chave: Mulher ribeirinha; Amazônia; Textos acadêmicos; Formação do imaginário.

[1] Professora do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, Campus Tucuruí (IFPA). Doutorando em Educação (FEUSP). E-mail: zaline.wanzeler@ifpa.edu.br
[2] Professora da Secretaria de Educação do Estado do Pará. Servidora pública do Município de Tucuruí. E-mail: jocirenewanzeler@gmail.com
[3] Professora da Faculdade de Educação do Campo (FECAMPO) e do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGEDUC) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Pós- doutora em Educação pela Universidade do Estado do Pará (UEPA). E-mail: waldma@ufpa.br
[4] Professora da Universidade do Estado do Pará/UEPA. Doutoranda em Educação (PPGED-UEPA). Mestrado em Educação (PPGED-UEPA). Especialização em Psicomotricidade (UEPA). E-mail: cyntiafranca@uepa.br
[5] Professora da Secretaria de Estado de Educação do Pará e da Secretaria Municipal de Educação de Concórdia do Pará. E-mail: delciauab@gmail.com

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.363
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Resumen: El artículo analiza imágenes de mujeres ribereñas amazónicas formadas en textos académicos y cómo éstas pueden ser pensadas como una virtualización del tiempo y el espacio. La hipótesis es que, al presentar la imagen de una mujer ribereña como objeto de investigación, los sujetos académicos construyen formaciones imaginarias sobre las mujeres ribereñas y estas imágenes se forman a partir de otras imágenes, virtualizándose en dimensiones temporales y espaciales. El texto se estructura en: introducción, en la que se presentan objetivos, hipótesis y marco teórico; metodología, describe el desarrollo del estudio; resultados y discusión, analiza las imágenes de mujeres ribereñas problematizadas a partir del corpus de investigación; y consideraciones finales, que resaltan reflexiones sobre el rol social históricamente atribuido a las mujeres ribereñas, enfatizando términos como cuidadora, patio trasero, familia y memoria. Estas consideraciones apuntan a una comprensión más amplia de las complejidades de la identidad y el papel social de las mujeres ribereñas en la región amazónica.

Palabras-chaves: Mujer ribereña; Amazonas; Textos académicos; Formación del imaginario.

Abstract: This article discusses which images of Amazonian riverside women are formed in academic texts and how these images can be thought of as a virtualization of time and space. The hypothesis is that, when presenting the image of a riverside woman as na object of investigation, academic subjects construct imaginary formations of Amazonian women, and these images are formed from other images, virtualizing themselves in time and space. The text is divided into: Introduction, which contains the objectives, hypothesis and theoretical framework of the work; methodology, which describes how the study was developed; results and discussion, problematizing the images of riverside women in the research corpus; and final considerations, in which we present the considerations on the reading of the texts and the indications that the images of riverside women are related to the social and historically assigned role to women, which is graphically marked, in the texts, by the words: caregiver, backyard, family and memory.

Keyword: Riverside women. Amazonian. Academic texts. Imaginary formations.

INTRODUÇÃO

"A imagem não chegava a incluí-lo ainda não tinha conseguido se ver refletido em nenhuma parte"

A imagem da mulher é representada de forma diversa em várias instâncias da cultura, desde mitos antigos até manifestações contemporâneas. Essas representações oscilam entre retratos de divindades e figuras malignas, seja na mitologia, na história, na religião, nos contos populares, na mídia ou na esfera acadêmica, conforme observado por Robles (2019). Entre os exemplos estão a deusa Hera (Juno) do panteão greco-romano, a figura da bruxa representada por Joana d'Arc na Europa medieval, a Virgem Maria do catolicismo, Cinderela dos contos dos irmãos Grimm, as super-heroínas como Mulher Maravilha e Ororo Munroe (Tempestade de X-Men) das editoras Marvel e DC, as populares bonecas infantis Barbie, Susi e Moranguinho, e figuras proeminentes no campo científico como Simone de Beauvoir, Angela Davis, Judith Butler, Marie Curie e Rosa Parks.

Os exemplos suscitados pela memória individual ou coletiva, chegam ao imaginário escrito ou oralizado e transpassam sujeitos de um discurso que precisa ser posto em debate conjuntamente com suas formações imaginárias e seu lugar social de formador de discurso.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.363
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Este imaginário referente a mulher não deixa de estar ligado a personificação da Eva, produzido na Bíblia Cristã, como a causadora de todo o mal. Perrot (2006) afirma que,

> Elas modulam a aula inaugural do Gênesis, que apresenta a potência sedutora da eterna Eva. A mulher, origem do mal e da infelicidade, potência noturna, forças das sombras, rainha da noite, oposta ao homem diurno, da ordem e da razão lucida [...] (PERROT, 2006, p. 168).

Desde a gênese bíblica o termo *mulher* já era tido como plural, basta pensar em Eva, como primeira mulher e pecadora, comparada com a Virgem Maria, sem pecados e mãe de Jesus Cristo. Apesar de nosso objetivo não ser analisar a imagem da mulher bíblica, é nítida a pluralidade de significados e marcadores sociais que desde a religião vem se tecendo. Outro exemplo sobre as construções sociais relacionada a figura da mulher centraliza-se no combate à opressão de gênero, à misoginia e na luta por direitos iguais no bojo do movimento feminista.

Na luta contra estas opressões que perpassam não só as imagens, mas os corpos, a raça e o papel social das mulheres, estão o debate entre mulheres brancas que dominam o discurso feminista – as quais, na maior parte, fazem e formulam a teoria feminista - com pouca ou nenhuma compreensão da supremacia branca como estratégia, do impacto psicológico da classe, de sua condição política dentro de um Estado racista, sexista e capitalista (HOOKS, 2015, p. 196).

Com base em Hooks (2015), é nítido que mulheres negras tiveram experiências históricas diferenciadas de opressão do que as mulheres brancas. A mulher negra é atravessada pelo gênero e pela raça, sofre dupla discriminação. Ela ocupou durante séculos lugares de servidão aos homens e às mulheres brancas; foram escravas, trabalharam nas lavouras, nas ruas como vendedoras e prostitutas.

Essa representação vem sendo propagada a partir de tais discursos históricos e sociais. Segundo Pêcheux (2014), toda vez que o sujeito de um discurso toma a palavra, ele mobiliza um funcionamento discursivo que remete a formações imaginárias. Para o autor, o discurso produzido por um sujeito pressupõe um destinatário que se encontra num lugar determinado na estrutura de uma formação social. Tal lugar, para Pêcheux (2014), aparece representado no discurso por formações imaginárias que designam o lugar que o sujeito e o destinatário se atribuem mutuamente, ou seja, a imagem que fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.363
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Neste trabalho, discute-se quais imagens de mulher ribeirinha amazônica são formadas em textos acadêmicos e como estas imagens podem ser pensadas enquanto virtualização de tempo e espaço. A hipótese é de que, ao apresentarem a mulher ribeirinha como objeto de investigação ou como sujeito de análise, os acadêmicos constroem formações imaginárias de mulheres amazônicas e estas imagens formam-se a partir de outras imagens, virtualizando-se em tempo e espaço.

Pierre Lévy (1996), no texto "O que é virtual?", apresenta a palavra *virtualidade*, que vem do latim medieval *virtualis*, derivado de *virtus*, que significa força, potência. Para Lévy (1996, p. 71), "a linguagem, em primeiro lugar, virtualiza um 'tempo real' que mantém aquilo que está vivo prisioneiro daqui e agora" e continua afirmando que "a partir da invenção da linguagem, nós, humanos, passa-se a habitar o espaço virtual, o fluxo temporal tomado como um todo, que o imediato presente atualiza apenas parcialmente, fugazmente" (LÉVY, 1996, p. 71).

Para o autor, "quando uma pessoa, uma coletividade, um ato, uma informação se virtualizam, eles se tornam 'não-presentes', se desterritorializam" (LÉVY, 1996, p. 73). Uma espécie de desengate os separa do espaço físico ou geográfico ordinários e da temporalidade do relógio e do calendário. Portanto, problematizar a virtualização da linguagem adentra nossas próprias discussões de existência enquanto espaço real, material, acontecimentos atuais, situações em curso, o desprendimento do aqui e agora, a desterritorialização do sujeito e das imagens que o sujeito faz de si e dos outros.

Para problematizar a virtualização da linguagem e atingir o objetivo do trabalho, foram tomados conceitos de dois autores como recorte teórico, os quais são: Pêcheux (2014), sobre *formações imaginárias*, e Pierre Lévy (1996), sobre o *que é virtual*. Além dessas duas abordagens, há diálogo metafórico, com o romance "Kentukis", da argentina Samantha Schweblin (2021).

"Kentukis" é um romance com várias histórias se intercalando como catálogos privados sobre um novo tipo de sociabilidade, em meio às virtualidades contemporâneas, cuja temática aborda relações humanas mediadas por um artefato tecnológico que virtualiza a interação entre indivíduos na sociedade contemporânea, expondo assuntos como presença, não-presença, desterritorialização, e até mesmo intimidade, desejo e solidão.

O que é comum entre as histórias é a relação com o kentuki, que pode ser um dragão, um coelho, um corvo, uma toupeira, um panda ou uma coruja, de cores e características diversas. Ele possui uma câmera acoplada atrás dos olhos e vem com um carregador, que não

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.363
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

pode ser esquecido jamais. A pessoa pode escolher entre ter um kentuki e se transformar em seu “amo” ou ser um kentuki, em posse de um cartão de conexão que permita seu controle à distância. Aquele que compra um kentuki aceita ser observado diariamente, e aquele que se torna kentuki, aceita o anonimato e a servidão. Entre amas e kentukis, destaco as personagens de ″Emília", "Nikolina" e "a mulher do avental verde que limpava a loja". Estas personagens fictícias serão apresentadas ao longo da discussão sobre as imagens de mulher ribeirinha e suas características entrelaçadas no decorrer da análise do artigo.

Para fins didáticos de escrita, o texto está dividido em quatro tópicos denominadas com base em excertos do livro literário de Samantha Schweblin (2021). Sendo a primeira seção, denominada Introdução: "a imagem não chegava a incluí-lo ainda não tinha conseguido se ver refletido em nenhuma parte" (SCHWEBLIN, 2021, p. 62), que situa objetivos, hipótese e apresenta, de forma geral, o referencial teórico do trabalho.

O segundo tópico, Metodologia: "era um conceito velho somado a uma tecnologia que também parecia velha. E ainda assim o cruzamento era engenhoso" (SCHWEBLIN, 2021, p. 21)., corresponde a apresentação das abordagens teórico–metodológicas sobre formações imaginárias e virtualização, além de descrever como foi desenvolvido o estudo. O terceiro, Resultados e Discussão: "ou você se moderniza ou a vida te atropela” (SCHWEBLIN, 2021, p. 105) apresenta Imagens de mulher amas e/ou kentukis, em que há descrição das imagens de mulher ribeirinha nos quatro textos acadêmicos do *corpus* de análise e é a parte em que problematiza-se a desterritorialização destas imagens.

E o último tópico, Considerações finais: "finalmente algumas coisas estavam acontecendo na loja de eletrodomésticos" (SCHWEBLIN, 2021, p. 55), em que apresenta-se as considerações sobre a leitura dos textos e as indicações de que as imagens de mulher ribeirinha amazônica estão relacionadas ao papel social e historicamente atribuído à mulher, o que é marcado graficamente, nos textos, pelas palavras: cuidadora, quintal, família, memória.

PROCEDIMENTO METODOLÓGICO

"era um conceito velho somado a uma tecnologia que também parecia velha. E ainda assim o cruzamento era engenhoso"

Realiza-se uma pesquisa qualitativa, do tipo bibliográfico no portal de Periódicos Scielo - Brasil, visando localizar produções científicas contendo o descritor “mulher ribeirinha” e “ribeirinha”. O resultado apontou 93 produções científicas no total, sendo distribuídas pela Plataforma de Busca como “tipo de literatura”: artigos: 85, outros: 3, relato

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.363
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

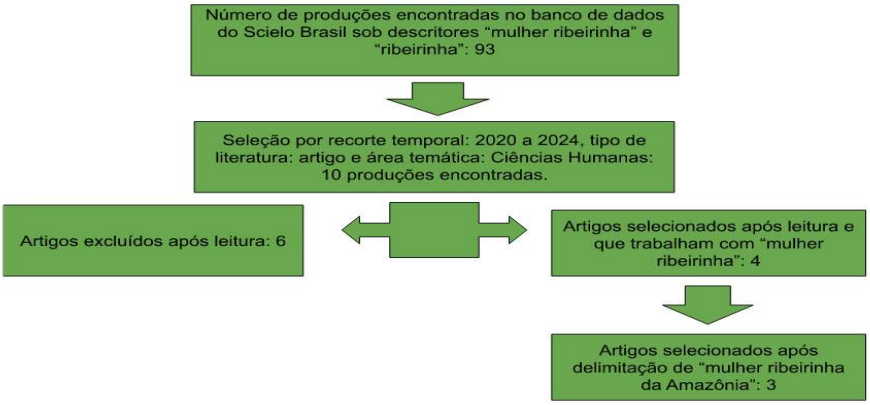
breve: 2, resenha de livro: 1, carta: 1 e comunicação rápida: 1. O recorte temporal dos achados iniciais da pesquisa dataram as produções, entre os anos de publicação de 1971 a 2024. E as áreas temáticas em que as produções foram inseridas contaram: Ciências da Saúde: 29 produções, Ciências Humanas: 28, Ciências Biológicas: 23, Ciências Sociais Aplicadas: 12, Multidisciplinar: 10, Ciências Agrárias: 4, Ciências Exatas e da Terra: 1.

Com a finalidade de identificar as imagens de mulher ribeirinha amazônicas nos anos mais recentes de publicações de artigos científicas da área de Ciências Humanas, fez-se um recorte temporal para os últimos cinco anos: 2020 a 2024, um recorte no tipo de literatura para artigos. O resultado foi 10 produções. Os artigos foram baixados em pdf, lidos na íntegra, buscando identificar se trabalhavam, em sua centralidade, com ao menos uma das categorias em vista como objeto de discussão e estudo, de forma que a outra poderia ter sido trabalhada de maneira periférica.

Foram excluídos 6 artigos, porque não continham nenhuma das duas categorias percorridas na busca, ficando para leitura aprofundada apenas 4 artigos. Um dos artigos trouxe um perfil de mulher ribeirinha semelhante ao das amazônidas, mas são de Mato Grosso do Sul, estado brasileiro que faz divisa com a Amazônia Legal, segundo o IBGE (2022), e, portanto, precisou ser excluído do *corpus* por não representar o descritor final "mulher ribeirinha **amazônica**" que dá título ao nosso trabalho.

O caminho percorrido na busca pelo *córpus* da pesquisa encontra-se descrito no seguinte fluxograma:

FLUXOGRAMA 1 - PROCESSO DE SELEÇÃO DE TRABALHOS PARA ANÁLISE FINAL.



Fonte: Dados da pesquisa (2023).

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.363
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Os artigos selecionados estão apresentados no Quadro 01;

QUADRO 1 - DADOS DO *CORPUS* DA PESQUISA.

Nº	Título (Autoria, ano de publicação)	Objetivo, sujeito e lócus de pesquisa
1	Diversidade de plantas alimentares em quintais agroflorestais de Cuiabá e Várzea Grande, Mato Grosso, Brasil (BORTOLUZZI; MOREIRA; VIEIRA, 2021).	A pesquisa foi realizada com os ribeirinhos de Cuiabá e Várzea Grande, MT, com o objetivo de avaliar o perfil florístico com enfoque nas cultivares alimentares em quintais agroflorestais dessas regiões ribeirinhas. Foram 62 ribeirinhos envolvidos na pesquisa.
2	A medicina tradicional ribeirinha em vozes femininas (SANTOS *et al.*, 2023).	Analisa biografias de três mulheres ribeirinhas que têm como base investigativa os seus papéis sociais no cuidar através da medicina tradicional. As ribeirinhas residem e atuam nas ilhas belenenses do Murutucum e do Combu, no Pará.
3	Por uma vida sem barragens: corpos, território e o papel da autodeterminação na desnaturalização da violência (TOSOLD, 2020).	O artigo procura traçar uma perspectiva analítica capaz de apreender como o caráter substantivo da lógica de progresso/desenvolvimento, identificada com o Estado, vem a tomar corpo nos embates cotidianos, envolvendo diferentes atores sociais. O lócus de pesquisa são as barragens de São Luiz e Jatobá, na bacia do rio Tapajós, entre 2013 e 2015. Sujeitos pesquisados: povos munduruku e ribeirinho.

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Vale ressaltar que os textos trabalham com sujeitos que compreendem a Amazônia Legal dos estados do Pará e Mato Grosso, portanto as imagens são da mulher ribeirinha amazônica.

As categorias de análise selecionadas com base na análise do discurso pecheutiana segue **a recorrência de palavras** ou **expressões**, após leitura dos artigos foram:

1- Papel social da mulher nas comunidades ribeirinhas.
2- Protagonismo feminino.

Excertos retirados do *corpus* de análise para discussão:

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.363
ISSN: 2447-0244
v. 10, n. 3, jan.-dez. 2024
Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

QUADRO 2 - EXCERTOS RETIRADOS DO CORPUS DA PESQUISA SEGUINDO O CRITÉRIO DE RECORRÊNCIA LEXICAL.

TEXTO	RECORRÊNCIA LEXICAL
TEXTO 1	● **CUIDAR, MANEJAR, QUINTAL, PLANTAS E COZINHA** "Apesar da participação de toda a família na implantação e na condução dos quintais, as mulheres têm uma grande relevância no **manejo** dos **quintais**, sendo responsáveis pela maior parte das atividades desenvolvidas neles. Portanto, dentro da família, a mulher é a que mais **maneja** os **quintais** e as **plantas**" (BORTOLUZZI; MOREIRA; VIEIRA, 2021, p. 303, grifo nosso).
TEXTO 2	1. **CUIDADO DA SAÚDE - PAPEL SOCIAL E VOCACIONAL DA RIBEIRINHA** "Três mulheres ribeirinhas que têm como base investigativa os seus **papéis sociais** no **cuidar** através da medicina tradicional (SANTOS *et al*., 2023, p. 1, grifo nosso). ● **NOMEAÇÕES: BENZEDEIRA, CURANDEIRA, HERDEIRA DOS ENSINAMENTOS DA PAJELANÇA, PUXADEIRA, PARTEIRA, REMEDIEIRA, GARRAFEIRA, MACUMBEIRA, REZADEIRA** "Dona Catarina se autodenomina **rezadeira e benzedeira.** Segundo ela mesma, isso se justifica porque ela utiliza rezas e orações nas suas práticas de cura" (SANTOS *et al*., 2023, p. 8, grifo nosso). "Dona Mariquinha [...] autoafirma-se **herdeira dos ensinamentos da pajelança**, em que aprendeu rezas, mitos, curandeirismo e partos; reconhece sua **vocação** e gosta de experimentar novos tratamentos terapêuticos" (SANTOS *et al*., 2023, p. 9, grifo nosso). "Dona Mariquinha identifica-se como **ex-bezendeira, remedieira, curandeira, parteira e puxadeir**a. A autoidentificação de remedieira deve-se à sua atividade na formulação de remédios caseiros, sendo muito procurada por esse dom. A definição de curandeira é atribuída a agentes especiais, com autoridade sobre certas dimensões e forças da natureza que atuam na comunidade onde reside (CUETO; PALMER, 2016, p. 24). Já a parteira é a especialista que expressa habilidade na função do partejo e possui papel social de destaque no campo da saúde reprodutiva (SILVA *et al*., 2020)" (SANTOS *et al*., 2023, p. 10, grifo nosso). "No Murutucum, Eliana é a grande referência no ato de **cuidar,** uma especialista evangélica que possui vasto conhecimento na formulação de garrafadas, o que colabora para sua autodenominação de **garrafeira.** No caso, é a pessoa que consegue obter a cura pela produção de um remédio que envolve diversos materiais, com o predomínio botânico e orações" (SANTOS *et al*., 2023, p. 11, grifo nosso). "Independentemente do seu vasto êxito na **cura** e por ser uma referência no **cuidar**, todo o know-how alicerçado em sua trajetória de vida não a impediu de sofrer preconceitos dentro de sua comunidade. '**Macumbeira**' é um termo que utilizam para denegrir a sua presença e ainda revela o fato de ser perseguida pela incompreensão de outrem" (SANTOS *et al*., 2023, p.15, grifo nosso). ● **MEMÓRIA DO GRUPO** "as mulheres especialistas no **cuidado da saúde tradicional** são pessoas de **profunda memória**" (SANTOS *et al*., 2023, p. 17, grifo nosso). "**a memória e a criação** de cada uma dessas mulheres indicam lugares e referências terapêuticas-religiosas semelhantes, mas é importante destacar que cada uma dessas mulheres articula uma perspectiva de **cuidado** bastante singular" (SANTOS *et al*., 2023, p.3, grifo nosso).
TEXTO 3	● PAJÉS, PARTEIRA, ARTESÃS, CUIDAR, ROÇA, PREPARAR, COMIDA, REMÉDIOS CASEIROS, CONHECIMENTOS TRADICIONAIS. "Há mulheres que são **pajés, parteiras e artesãs**. Elas **cuidam** da **roça,** dão ideias, **preparam** a **comida**, fazem **remédios caseiros** e têm muitos **conhecimentos tradicionais**" (TOSOLD, 2020, p. 17, grifo nosso).

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.363
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

"ou você se moderniza ou a vida te atropela"

Para atingir o objetivo do trabalho, foram tomados conceitos de dois autores como recorte teórico, os quais são: Pêcheux (2014), sobre *formações imaginárias*, e Pierre Lévy (1996), sobre o *que é virtual.*

O que são formações imaginárias para Pêcheux?

No texto "Análise automática do discurso", Pêcheux (2014) afirma que formações imaginárias são construções sociais, e "todo processo discursivo supõe a existência dessas formações imaginárias" (PÊCHEUX, 2014, p. 82). Ou seja, quando o sujeito de um discurso toma a palavra, ele mobiliza um funcionamento discursivo que remete a formações imaginárias. Segundo Pêcheux (2014), o discurso produzido por um sujeito pressupõe um destinatário que se encontra num lugar determinado na estrutura de uma formação social. Tal lugar aparece representado no discurso por formações imaginárias que designam o lugar que o sujeito e o destinatário se atribuem mutuamente, isto é, a imagem que fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro.

Esses lugares se acham, não apenas, representados nos processos discursivos, mas, também, transformados. Assim, um discurso não implica necessariamente uma mera troca de informações entre destinador (A) e destinatário (B), mas sim um jogo de "efeitos de sentido" entre os participantes. Vale lembrar que, Pêcheux esclarece que os elementos A e B designam algo diferente da presença física de organismos humanos individuais, pois se trata de "lugares determinados na estrutura de uma formação social". Apropriando desse conceito, a análise é conduzida para duas proposições pecheutianas: "Quem sou eu para lhe falar assim?" e "Quem é ele para que eu lhe fale assim?". Estas duas questões nos auxiliaram a traçar as imagens de mulheres ribeirinhas presentes nos textos acadêmicos analisados.

O QUE É VIRTUALIDADE PARA PIERRE LÉVY?

Lévy (1996) permite pensar sobre a **virtualização da linguagem,** como o aqui e o agora que se perdem, possibilitando "viajar" no tempo e no espaço. Por exemplo, ao escrever sobre Pêcheux, cita-se e comenta-se as palavras de um autor falecimento há 40 anos (em 1983), se assim permitirem, pode-se dizer que "conversam com mortos" nesta hora. E ao fazer

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.363
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

isso, opera-se uma **virtualização do tempo presente**, isto é, nos ausenta-se do agora, do ano 2024, em direção ao passado, anterior à morte de Pêcheux, o tempo vivido pelo autor citado. Já quando, de São Paulo, uma estudante da USP troca mensagens pelo WhatsApp ou fala em vídeo-chamada com seus filhos que estão no Pará, torna-se "ausente" de São Paulo, passa a se situar em um espaço que não é paulistano e tão pouco paraense, através do que é chamado por Pierre Lévy de **uma virtualização do espaço**.

Naquele momento em que fala com seus filhos, onde mãe e filhos estão? Onde a mãe está e onde os filhos estão? Pode-se considerá-los presentes em que espaço? No Pará ou em São Paulo? No local em que fala nosso interlocutor? Ou no local em que o destinador fala? Ou quem sabe num outro espaço, virtual? Fala em presença ou em ausência, de qual espaço? São questões como estas que nos levam a pensar sobre quem seriam as mulheres ribeirinhas quando são trazidas ao texto acadêmico. Seriam as mulheres presencialmente estudadas ou a virtualização das imagens que se formam no tempo estudado e no espaço pesquisado entrelaçado pelo texto acadêmico? Estariam presentes ou ausentes do texto acadêmico? Haveria uma desterritorialização e destemporalização da imagem de mulher ou uma virtualização da mulher ribeirinha?

QUEM SÃO AS MULHERES DO LIVRO KENTUKIS?

No livro Kentukis percebe-se personagens heterogêneas sobre as gerações de mulheres frente a vida pessoal real e virtual. Umas com tamanha facilidade de manipular o tablete e ser kentuki, como Nikolina, e outras, mesmo que mais velhas, aprendendo a lidar com a tecnologia como Emília, e outras independentes e hábeis como a mulher do avental verde. As imagens de mulheres "ama" ou "kentuki", são as imagens de mulheres que têm duas vidas, dois mundos - uma real e outra virtual. Imagens de mulheres jovens, velhas, mães, filhas, namoradas, esposas, etc que exageram na exposição aos aparelhos tecnológicos e que nos trazem a questão sobre ter consciência ou não da exposição à tecnologia, sobre estar ou não está presente em um tempo e espaço, intimidade, desejo e solidão?

Seleciona-se, neste trabalho, entre as personagens do livro Kentukis, as personagens: *Emília,* a *mulher do avental verde que limpava a loja* e *Nikolina.*

No livro de Samantha, a personagem Emília é kentuky de Eva, apresentada como uma mãe idosa, aposentada, velha, solitária, que ao se ver sozinha, resolve se aventurar no uso da tecnologia kentuki e estabelece uma nova rotina de vida, entre os cuidados domésticos e sua vida virtual de servir quem agora, para ela, assumia o lugar do filho ausente, tal qual faz uma

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.363
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

mãe protetora por seus filhotes. Mas se frustrou ao ter seu anonimato revelado, sua vida real exposta demais para aquela que ela tanto queria proteger. A construção de imagens sobre si que Emília faz, ao ser observada com a lingerie bege, parece "velha" e "pouco sensual", contrário da libidinosa e jovial Eva. Emília mesmo se questiona sobre como os próprios filhos a vê, "velha ou viva". São os pares opostos que ajudam a formar **imagens das mulheres mãe.**

A imagem de mulher mãe-doméstica-protetora, também encontra-se no capítulo do romance Kentuki, "a mulher do avental verde que limpava a loja" e que era observada pelo kentuki Marvin. A imagem que o kentuki faz da mulher levava-o a comparar com os carinhos e zelos maternas, observe: "A mulher que o tinha tirado da vitrine era corpulenta e velha, movia-se de um lado para o outro, diligente, acariciando com uma flanela as coisas que a rodeavam [...] Lembrou-se da mãe dizendo que ninguém limpa nossa própria sujeira como nós mesmos" (SCHWEBLIN, 2021, p. 199). O reflexo do cuidado com a casa, ser dona do lar, de ser corpulenta e velha, alimentar os sonhos dos filhos, como o de o kentuki ver a neve, torna a imagem da mãe cuidadora, protetora, carinhosa e doméstica.

Por outro lado, a personagem Nikolina, representação da imagem da mulher mil e uma utilidade, que consegue manusear vários aparelhos ao mesmo tempo e possui habilidades bem mais velozes que a do homem que a contratou, leia: "Os dedos finos de Nikolina iam e vinham de um tablet a outro, arrastando atrás de si braços pálidos e flexíveis, como os tentáculos de um polvo" (SCHWEBLIN, 2021, p. 117). Nikolina, com sua perspicácia e atenção, consegue até mesmo salvar outra menina de um sequestro. Portanto, cada uma das personagens são exemplos, embora cheio de criatividade e liberdade artística, de imagens de mulheres que serão comparadas as imagens de mulheres ribeirinhas amazonidas apresentadas nos textos acadêmicos.

IMAGENS DE MULHER RIBEIRINHAS: AMAS E/OU KENTUKIS?

Nesta seção, apresenta-se a descrição das imagens de mulher ribeirinha seguindo a recorrência de palavras e expressões encontradas no *corpus* analisado. No texto 1, por exemplo, a imagem da mulher ribeirinha é apresentada pelo enunciador através do uso de palavras como *cuidar, manejar, quintal* e *plantas.* Notou-se que o quintal exerce várias funções, não apenas o de fornecer alimento por meio de plantas, mas também como local para lavar roupas, preparar alimento, limpar peixe, local para as crianças brincarem, para fazer reuniões e realizar festas. Os quintais também possibilitam encontros entre vizinhos, e muitos

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.363
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

utilizam o espaço também para formar um forno, fogão a lenha, cozinha, abrigo para animais domésticos, depósito de barco e equipamentos de pesca.

> Apesar da participação de toda a família na implantação e na condução dos quintais, as mulheres têm uma grande relevância no **manejo** dos **quintais**, sendo responsáveis pela maior parte das atividades desenvolvidas neles. Portanto, dentro da família, a mulher é a que mais **maneja** os **quintais** e as **plantas** (BORTOLUZZI; MOREIRA; VIEIRA, 2021, p. 303, grifo nosso).

Nesta sequência discursiva, percebe-se que o sujeito acadêmico forma a imagem da mulher ribeirinha associada a: *manejo dos quintais* e estende estes feitos para o cuidado com a família, com os animais domésticos e as plantas, além de tudo aquilo que estiver pertencendo ao quintal e aos alimentos produzidos nestes, do plantio até o preparo final. Com tantas ações marcadas pelos verbos manter, cuidar, preparar, cultivar e criar, penso que a mulher ribeirinha se assemelha aos braços de polvo de Nicolina, personagem do livro literário Kentukis. Nicolina ficou responsável em cuidar dos tablets e, consequentemente, ser ama de kentukis das mais diversas localidades do mundo, tinha que "manejar todos os tablets" quase ao mesmo tempo e assim fazia com muita esperteza e ligeireza, melhor do que seu patrão.

No texto acadêmico 2, a imagem da *mulher ribeirinha cuidadora* é ratificada pelo sujeito do discurso quando diz sobre o papel de cuidadores ser exercido, em sua maioria, por mulheres. Neste texto, a responsabilidade passa a ser o papel social da mulher ribeirinha através do uso das medicinas alternativas e de saberes culturais sobre plantas e ervas medicinais: "Três mulheres ribeirinhas que têm como base investigativa os seus **papéis sociais** no **cuidar** através da **medicina tradicional"** (SANTOS *et al*., 2023, p. 1, grifo nosso). Palavras como: *benzedeira, curandeira, herdeira dos ensinamentos da pajelança, puxadeira, parteira, remedieira, garrafeira, macumbeira, rezadeira* também estão ligadas ao campo semântico do "cuidar". No texto, os sujeitos da pesquisa são quem denominam e explicam a função de cada palavra:

- **rezadeira e benzedeira -** mulher que utiliza rezas e orações nas suas práticas de cura" (SANTOS *et al*., 2023, p. 8);
- **herdeira dos ensinamentos da pajelança** - aquela que aprendeu rezas, mitos, curandeirismo e partos; reconhecida como vocação em experimentar novos tratamentos terapêuticos" (SANTOS *et al*., 2023, p. 9);
- **ex-bezendeira, remedieira, curandeira, parteira e puxadeira** - aquela que tem sua atividade voltada para a formulação de remédios caseiros, sendo muito

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.363
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

procurada e considerado "dom". A definição de curandeira é atribuída a agentes especiais, com autoridade sobre certas dimensões e forças da natureza que atuam na comunidade onde reside (CUETO; PALMER, 2016, p. 24). Já a parteira é a especialista que expressa habilidade na função do partejo e possui papel social de destaque no campo da saúde reprodutiva (SILVA *et al.,* 2020)" (SANTOS *et al*., 2023, p. 10).

- **garrafeira** - especialista que possui vasto conhecimento na formulação de garrafadas, é a pessoa que consegue obter a cura pela produção de um remédio que envolve diversos materiais, com o predomínio botânico e orações" (SANTOS *et al*., 2023, p. 11).
- **Macumbeira** - é um termo que sofre certas restrições sociais e preconceito, embora a macumbeira ter vasto êxito na cura e referência no cuidar (SANTOS *et al*., 2023, p.15).

A próxima imagem de mulher ribeirinha recorrente nos textos acadêmicos é de ser a **memória do grupo,** pois são "especialistas no **cuidado** da saúde tradicional são pessoas de **profunda memória**" (SANTOS *et al*., 2023, p. 17, grifo nosso). Para Halbwachs (2006) o indivíduo que lembra é sempre um indivíduo inserido e habitado por grupos de referência; a memória é sempre construída em grupo, mas é também, sempre, um trabalho do sujeito.

O texto 3 também produz esta imagem de memória ligado as palavras: *pajés, parteira, artesãs, cuidar, roça, preparar, comida, remédios caseiros, conhecimentos tradicionais.* Veja: "Há **mulheres que são pajés, parteiras e artesãs**. Elas **cuidam** da **roça,** dão ideias, preparam a **comida**, f**azem remédios caseiros** e têm muitos **conhecimentos tradicionais**" (TOSOLD, 2020, p. 17, grifo nosso).

Como pôde ser observado nos discursos acima, o **cuidar** está intimamente ligado as responsabilidades das mulheres ribeirinhas, de modo que a este papel social está atrelado a imagem de "dona de casa", uma construção culturalmente instituída porque diz respeito a uma prática comum a um grupo, neste caso específico, ao agrupamento de mulheres que vivem na comunidade. Diante desta questão foi possível identificar que o espaço de predomínio feminino é a casa, o quintal, o espaço privado, em que elas se ocupam cotidianamente com os afazeres domésticos e com o cuidado com o espaço físico da casa e do quintal, e das pessoas: filhos(as), parentes, doentes, acamados etc.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.363
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

CONSIDERAÇÕES FINAIS

"finalmente algumas coisas estavam acontecendo na loja de eletrodomésticos"

Os trabalhos reunidos para esta organização fazem ressoar a materialidade discursiva das produções em que a imagem da mulher ribeirinha é heterogênea, podendo ser mãe, doméstica, protetora, provedora de alimento e cuidadora, o que mostra a virtualidade da mulher nas produções acadêmicas analisadas.

A denominação “mulher ribeirinha amazônica” traz um conjunto de significados que territorializa e desterritorializa estas imagens, pois reconhece uma identidade, mas que não é pura. Uma imagem enquanto lugar social, papel social que possibilita fala-se em virtualização da imagem de mulher ribeirinha, que é desterritorializada da escrita do espaço textual, pois são retirados de textos acadêmicos escritos e desterritorializado da própria imagem da mulher em si, que sai da sua comunidade ribeirinha e ganha novos ares ao terem suas características publicadas em textos científicos.

Não pode-se deixar de considerar que as imagens da mulher ribeirinha associa-se a outras imagens, em especial a de mulheres em geral, como ficcionada no romance de Schweblin (2021), da mulher protetora, cuidadora dos filhos, provedora de alimentos e atenção aos familiares. Nas produções acadêmicas analisadas parece ser criada a imagem também fictícia da ribeirinha, mas que é bastante semelhante a mulher "de carne e osso". Na própria expressão “mulher ribeirinha” há um conjunto de significados que territorializa esta mulher e reconhece sua identidade, mas que, paralelamente, não é pura e homogênea, podendo levar a problematização futura do adjetivo “ribeirinha amazônica”.

Portanto, este artigo possibilitou compreender que os sujeitos acadêmicos constroem formações imaginárias de mulheres amazônicas e estas imagens formam-se a partir de outras imagens, virtualizando-se em tempo e espaço. Por outro lado, o estudo pode contribuir para ampliar o conhecimento já produzido no campo educacional, literário e humano em geral, sobre o ser mulher, o feminismo e o protagonismo feminino.

REFERÊNCIAS

BORTOLUZZI, R. N.; MOREIRA, L. L.; VIEIRA, C. R. Diversidade de plantas alimentares em quintais agroflorestais de Cuiabá e Várzea Grande, Mato Grosso, Brasil. **Interações (Campo Grande)**, v. 22, n. 1, p. 295–307, jan. 2021. Disponível em: https://www.scielo.br/j/inter/a/CH7ncSrRt4YvsPT8sx8ZQnd/. Acesso em: 20 out. 2023.

HALBWACHS, M. **A Memória coletiva.** São Paulo: Centauro, 2006.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.363
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional

HOOKS, B. “Mulheres negras: moldando a teoria feminista”. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, v. 1, n. 16, p. 193-210, jan./abr. 2015. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/mrjHhJLHZtfyHn7Wx4HKm3k/?lang=pt. Acesso em: 14 fev. 2023.

IBGE. **Amazônia Legal.** 2022. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/geociencias/informacoes-ambientais/geologia/15819-amazonia-legal.html. Acesso em: 21 out. 2023.

LÉVY, P. **O que é o virtual?** São Paulo: 34, 1996.

PÊCHEUX, M. Análise automática do discurso (AAD-69). In: GADET, F.; HAK, T. **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 5. ed. Campinas, SP: Unicamp, 2014. p.59-158.

PERROT, M. **Os excluídos das histórias: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de janeiro: Paz e terra, 2006.

ROBLES, M. **Mulheres, mitos e deusas:** o feminino através dos tempos. 3. ed. São Paulo: Aleph, 2019.

SANTOS, L. S. *et al*. A medicina tradicional ribeirinha em vozes femininas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 18, n. 1, p. e20210068, 2023. Disponível em: https://www.scielo.br/j/bgoeldi/a/8jGMjnhd5yQVf8DkTjdFbsw/. Acesso em: 01 out. 2024.

SCHWEBLIN, S. **Kentukis.** Tradução Livia Deorsola. São Paulo: Fósforo, 2021.

TOSOLD, L. Por uma vida sem barragens: corpos, território e o papel da autodeterminação na desnaturalização da violência. **Revista de Antropologia**, v. 63, n. 3, p. e178182, 2020. Disponível em: https://www.scielo.br/j/ra/a/X3DLMWNh3Z5GfgVQ7xRBM3y/abstract/?lang=pt. Acesso em: 20 out. 2023.

DOI: https://doi.org/10.62236/missoes.v10i3.363
ISSN: 2447-0244

Esta obra está sob licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional